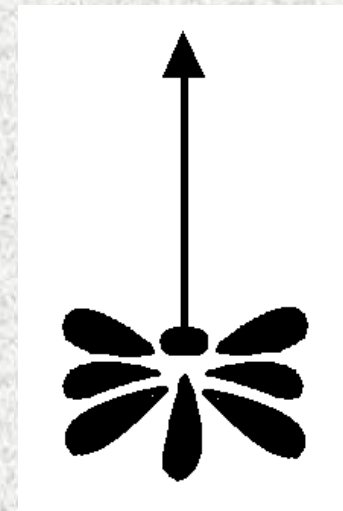


NICOLAU "GALLUS"

A FLECHA DE FOGO



IGNEA SAGITA OU A FLECHA DE FOGO

Tradução em Latim segundo o texto, critico editado pelo Pe. Adriano Staring O.Carm. em “*Carmelos*” de 1962, paginas 237 a 307 sob titulo “Nicolau Prioris Generalis Ordinis Carmelitarum Ígnea Sagitta”.

Resumo brevíssimo das notas preliminares do autor.

A ordem do Carmo teve inicio oficial quando S. Alberto Patriarca de Jerusalém, lá pelo ano de 1210 deu a Regra aos eremitas do Monte Carmelo. Quando os Carmelitas em 1238 forçados pelas perseguições dos muçulmanos emigraram para Cipro e Sicília e mais tarde para Inglaterra, (1241) e sul da França (1244), começou a dúvida: Deviam eles insistir no caráter eremítico ou aderir á nova orientação papal, que os classificava como mendicantes, (religiosos que recebiam o sustento do povo em troca dos trabalhos apostólicos prestados ao dito povo). Ouve os do pró e o dos contra. Entre os mais ferrenhos defensores do caráter eremítico estava Nicolau “*Gallus*” (o Francês), que foi Geral da Ordem de 1266 a 1271 mais ou menos. No inicio da sua vida religiosa tinha sido a favor da vida nas cidades, mas já Geral da Ordem começou uma campanha para a Ordem voltar ao

deserto. Já velho, pelo ano de 1270, no fim da vida escreveu a “*Ignea Sagitta*” num estilo veemente, quase violento, mandou o texto junto com carta convocatória do Capitulo de París de 1271. Não conseguindo impor sua opinião , resignou como o geral da ordem e faleceu alguns anos depois, não sabendo nem o ano nem lugar da sua morte.

No texto, constado de 14 capitulo com 830 linhas mais o prólogo de 29 linhas

Na edição crítica de Ariano Staring, foi recomposto de nove códigos comparados entre si. Na tradução são omitidas as numerisissimas referências aos códigos com variações de textos, como p.i.”as 29 linhas iniciais são do código de Sevilha”. Somente será citado ao pé da pagina o lugar dos textos da sagrada escritura com o numero da linha respectiva do texto original.

O livro é escrito em forma de dialogo entre a mãe, que é a ordem, e o filho Nicolau. Os 3 primeiros capítulos são no estilo de lamentações, como as lamentações de Jeremias. Da linha 24 do cap. 3 em diante Nicolau em nome da Mãe – Ordem volta-se diretamente aos confrades, que ele distingue como filhos e “enteados” i. é maus filhos. No ultimo capitulo ele fala outra vez à Mãe – Ordem. Nicolau é de opinião que a ordem se esqueceu da sua finalidade e por isso está corrompida. Não tomem em consideração as diretrizes

papais que obrigavam a esta mudança. Parece que houve casos de lamentável esvaziamento espiritual, mais ele generalizou isto. Teria feito melhor se tivesse promovido os estudos para tornar a ordem mais apta para a sua nova vocação. Era esta a tarefa dele como Geral de uma Ordem de Mendicantes. Parece que ele considerava o estudo da teologia inútil para os irmãos.

O livro é exagerado na sua veemência, as vezes não é objetivo no retratar os irmãos, mais em todo caso é prova de uma divisão interna na Ordem do Carmo. Se a opinião de Nicolau tivesse prevalecido a própria existência da ordem teria perigado. Pois no Concílio de Lyon de 1274 a aprovação da ordem ficou em suspenso não por ela ser mendicante demais, mas de menos.

[Segue o texto do livro em tradução](#)

PRÓLOGO

5 A todos seus companheiros de prisão o pobre Nicolau: saudações e assistência permanente do Espírito Santo para sempre.

Vendo minha pediosa Mãe, que me concebeu morto e gerou como abortivo 10 no meio dos enteados faladores e filhos legítimos ilegalmente presos, vão tentar socorrer, pela graça de Deus a todas as necessidades de cada um. Pois tentarei chorando com soluços entre cortados, mover a Mãe para considerar o seu estado deformado e para que acorde dono da ignorância. Também quero chamar de volta do caminho errado para o caminho certo os enteados que pela ignorância degeneraram e que tentam confundir a si e a Mãe a quem considera madrasta, e **15** quero isto com argumentos imperiosos para que se convertam cheios de vergonha; darei coragem aos filhos verdadeiros- que até agora sem coragem disfarçando silenciaram – para reprovarem a conversa tola dos enteados e aprovar o estado da Religião como deve ser, quando os opostos considerados juntos se tornam mais claro, afim de que comigo levantem suas vozes, se Deus quiser.

20 Peço porem humildemente para que os filhos verdadeiros e legítimos não se indignem se eu repreender a soberba, dos enteado encolerizados por tanta confusão. E tão pouco se irrite os enteados se eu, avisando-os do perigo, os improperar para suas utilidades e salvação; Deus seja testemunha que sabe o que quero. Pois todas as afeiçãoem do meu coração se ressumem neste único desejo, **25**que eu possa erradicar esta vergonha, que nos afeta a todos. Sei muito bem-mas não posso livrar-me desta dura tarefa nem que quisesse- que este libelo, que por causa da ponta brilhante das verdades nele contidas merecidamente leva o nome de Flecha de Fogo, será agradável aos filhos legitimo que andam na luz; aos enteados porem parecera odioso, pois não querem ser julgados por suas obras más, que não podem ver a luz.

PRIMEIRO CAPÍTULO

Como escureceu o ouro, mudou a cor eximia, como dispersaram as pedras do santuário em todos os cantos das ruas! **2** Ai de mim, Mãe! Que gerastes Religião Santíssima, que por causa da tua altura merecidamente no passado recebeste o nome de Ciência Sublime e Eminente da Circuncisão Espiritual, **5** é para ti que o profeta geme em lamentações, e tu não derramas uma lágrima por tua causa? Ai deram, Mãe, Jeremias espantado procura, em pranto, chorando e lamentando, dar a conhecer a tua desgraça, e tu não te lamentas com ele, não choras com ele ?Ai de mim,Mãe por que não queres chorar a desgraça dos teus filhos, **10** quando um profeta estrangeiro não para externar a sua dor? Certamente, Mãe, se prestares atenção ás palavras da lamentação do profeta, rios de lagrimas haveriam de escorrer dos teus olhos até o queixo. Ou ignoras que tu no teu viver antigo vera – mente foi comparada ao ouro por tua sublime devoção? Pois como o ouro é mais precioso que os outros metais, assim também vós fostes a preferida entre todas as religiões pela maior segurança duma **15** contemplação mais intima. Naquele tempo não era tua cor a mais bela de todas, quando cândida pela pureza da castidade, rubicunda **16** pelo pudor da tua pureza, todos parecias uma santa, de tal modo que todo mundo desejava

contemplar a admirável beleza da tua graça? Não eram teus filhos naqueles tempos merecidamente chamados de pedras do santuário que sólidas pela sua Constancia, perfeitamente retangulares pelo próprio da firmeza, bem polidas pela dureza da penitencia e multicolores pela variedades das tuas virtudes, eram sem defeitos preparadas pela vontade do supremo artífice para construir no glorioso edifício de Jerusalém , a cidade celeste?

2 lam 4,1

5 S. Jerônimo diz que “Carmelus”significa “ciência da circuncisão”

16 cf. cant 5,10 Cf . Ef 4.3

Ai de mim **25** quando penso no passado e considero o presente, temo pelo futuro, que este ouro de repente se torne chumbo em consequência do pecado dos filhos...

Sabe-se que vem de sentença divina que abandonando seu modo de vida pecaram juntos, que os que abandonando seu modo de vida pecaram juntos, juntos sofrem a ruína comum pela ruptura do vinculo da paz **29** na crise da instabilidade; e por isso Jeremias prossegue na sua lamentação dizendo. “Grande pecado cometeu Jerusalém, por isso perdeu a instabilidade: viram-na inimigos e zombaram de seus sábados; todos que a glorificavam, a desprezaram e tornaram-se inimigos.**33**”.

Reconhece , Mãe, reconhece tudo isto que se diz de ti tu que antigamente mereceste o nome Jerusalém pela abundância da paz, porque reconhecendo isto, gemeras, choraras, suspiraras, se bem considerares a causa e o efeito observa também a tua cor de admirável beleza mudado horrivelmente. Por isso o profeta voltou a lamentar-se dizendo: “toda a beleza abandonou a filha de sion, e os seus príncipes como carneiros não acharam pastagem 39, pastagem digo no sentido espiritual de consolo espiritual. O quão certo ele chama de carneiros os teus príncipes que me ti dominam, porque pelo

próprio sentir e vontade própria, que são dois chifres dos soberbos que no fim o Senhor há de quebrar, acabam com a paz do rebanho, destroem a concórdia e causam desavenças e escândalos sem conta. Destes diz o Salmista: “Desprezo é derramado sobre os príncipes, ele os fez errar em terreno impraticável e não mostrou o caminho.” **45**

E prossegue: “dispersaram as pedras do santuário em todo canto das praças.” **46** eram filhos legítimos, quando unidos e cimentados por uma caridade não fingida, **47** recusavam transgredir o voto da profissão emitida, mas, permanecendo nas suas celas, não passeando pelas praças **50** se davam alegremente a meditar na lei do senhor e a vigilância na oração, não obrigados mas movidos por uma alegria espiritual. Agora, porém, violentamente arrancados do cimento da caridade pela discórdia e inconstância e miseravelmente dispersos em todo canto das praças, não são mais (o’ que tristeza!) pedras do santuário, ainda devem **50** ser chamados de pedras pela dureza da sua obstinação.

Eles são pedras etimologicamente falando, enquanto machucam os pés, e os sentimentos seus e dos outros. E porque pela instabilidade sua, causa danos aos sentimentos e a consciência de muitos, e os ferem e ofendem, de nenhuma maneira ainda podem ser

chamadas pedras do Santuário, antes de verdade pedras, que ferem, e pedras de escândalos. **59**

Mas porque o zelo da tua casa me consome, **60** considerando este teu estado, o’ minha religiosíssima Mãe, tenho que dar suspiros lagrimosos duma tristeza veemente. Olhando o estado do homem interior, lembrando o tempo perdido, angustiado de toda maneira, não posso vencer a minha dor, não obstante toda a consolação que me queiram dar. Eis que a dor se torna dobrada, enquanto já me parecia bastante a desolação da minha própria fraqueza de animo. E ainda que se dispute o pró e o contra das diversas idéias, qual dos deve ser primeiramente e principalmente ser chorada, no fim chegar-se á conclusão que tua vem primeiro pos é de todos.

33 Lam 1,8; 1,7;1,8;1,2

39 Cf. Lam 1,6

45 SI 106, 40

46 Lam 4,1

47 2Cor 6,6

59 cf . 1 Ped 2,8

60 SI 68,

CAPITULO SEGUNDO

Quem dará á minha cabeça uma fonte de lágrimas afim de que eu dia noite chorando, **2** gemendo e suspirando, excite quem te plantou contra aqueles que arrancando te frutífera da terra da solidão, te transplantaram para a terra de água salubre pela malícia dos que nela habitam miseravelmente ? **5** Quem me assistirá contra os que fizeram esta iniquidade ? **6** Quem me poderá consolar, minha doce Mãe, quando vejo que tu descendo de Jerusalém a Jericó ficaste no meio de ladrões? **8** Choro por ti, choro, e por que não posso ajudar, quero morrer chorando. Pois quando te vejo espoliada no caminho e cheia de feridas, abandonada semimorta, **10** não quero viver mais com esta tristeza na alma. Quem se compadecerá de ti? Quem te dará remédio? Quem compartilhará? Quem terá compaixão de ti? Certamente todos passaram sem se incomodar contigo, e não há esperança de salvação para ti, se o samaritano do Evangelho cheio de misericórdia não te socorrer na tua infinidade, infundido vinho e óleo nas tuas feridas. **14**

Ó apressa-te em ver comigo de olhos abertos o teu estado de outrora que teus filhos, alienados e inveterados no mal, pouco a

pouco dando passos fora do caminho certo, profanaram miseravelmente, e, para dizer a verdade, profanando destruíram. Quem há que se achando filho teu, Mãe Santíssima, não se entristecia contigo nestes dias? Lembra-te e suspira, e suspirando lembra-te, como eras digna e santa nos dias de outrora, e admirável e formosa aos olhos de todos, quando não deixavas de nutrir com alimento substancial os nossos pais, eremitas santíssimos, muito bem colocados **23** num lugar de iguarias espirituais.

E agora considera o que considerando talvez te faça banhar-te num rio de lagrimas, que ficaste tão horrível que em consequência dos pecados dos teus filhos e mais, dos teus enteados, te tornaste um peso para todos a cada um. Por isso Jeremias prossequindo suas lamentações te fala dizendo: *“Teus filho ilustres envolvidos em ouro fino, como são contados agora como vasos de barro, obra das mão dum oleiro? Os teus profetas tinham para ti visão falsas e loucas, e não manifestavam tua malícia para te converter. Faz portanto correr tuas lágrimas como uma torrente dia e noite, não te dês descanso e teus olhos não parem de chorar. Levanta-te, Judá, á noite, ao inicio das vigílias, derrama teu coração como água ante a face do Senhor, levanta para ele as tuas mãos pela vida dos teus filhinhos, que caem de inanição em todos os cantos das ruas.”* **27-35**

E diz a Mãe: Ai de mim, filho, que vendo a tua Mãe transida de dor e devias ter consolado, por que a vens convidar ao choro e ao lamento e assim aumentas a sua dor? Não vejo eu, filho, que o pecado dos meus filhos segundo o vaticínio de Jeremias me deixou desolada, o dia todo cheia de dor? Vede Senhor, e considerai o aviltamento a que cheguei. Ouvistes minha voz, não acertais o vosso ouvido dos meus soluços e clamores. Puseste-me como refugio e escória no meio dos povos. Ouvi vos peço todos os povos, e vede a minha dor. Meu Senhor me tirou meus bons filhos, deixou o tempo correr contra mim para aniquilar os meus eleitos. Por isso chorarei, lágrimas derramarão os meus olhos, porque se retirou de mim o consolador que confortava minha alma. Meus sacerdotes e os anciãos pereceram na cidade, em busca de alimento para revigorar as forças. Meus filhos se perderam, por que triunfou o inimigo; meus filhos queridos andavam como cegos pelas ruas cheios de sangue estavam suas vestes. Coreconduzirei os filhos que criei? O inimigo os exterminou. Maior tornou-se a desgraça do meu povo do que os pecados dos Sodomitas, porque minha filha foi destruída num momento sem que alguém lhe estendesse a mão. **39-52**

Diz o filho: ai de mim! Minha Mãe! Porque vivi para ver esta hora, ma qual, vendo a vergonha da tua confusão, não te posso dar nenhum remédio, porque ninguém me escuta.

2 cf. Jer 9,1

5 cf. SI 106,34

6 SI 93,16

8cf. Luc 10,30

10 cf. ibidem

14 ibidem

23 cf. SI 22,2

27-35 Lam 4,2; 2,14; 2,18-19

39-52 Lam 1,13; 1,11; 3,45; 1,18; 1,15-16; 1,19; 1,16; 4,14;

2,22 e 4,6

CAPTULO TERCEIRO

Ouve, portanto o conselho do teu filho e convoca piedosamente os teus filhos verdadeiros, diligentemente admoestando e exortando-se para que conformando-se em tudo com a vontade divina tratem de reformar o teu estado, deformado pelo modo de viver dos soberbos, e não pela mão do senhor sob alguma aparência do bem. E saiba os enteados como é duro recalcitrar por muito tempo contra o aguilhão que nunca fica embotado; **6** até diz-se que é um perigo tremendo para ficar louco, resistir tenazmente à vontade divina por uma contumaz obstinada oposição.

Talvez respondam, querendo dar a luz à arrogância concebida, e digam palavras embrulhadas como estas: *“nunca tivemos a intenção de resistir à vontade divina, antes, nos conformamos com ela. Pois queremos edificar o povo de deus, pregando a suas Palavras, ouvindo confissões, dando conselhos e fazendo ainda outras boas obras, para que possamos ser úteis a nós e aos outros, e isso procuramos com todas as forças como convém. pois sabes bem que por esta causa, certamente justíssima, nós saímos da solidão do deserto ao tropel das cidades, para que possamos exercer os ofícios acima mencionados.”*

Repara ó Mãe, soberba dos enteados, dos quais nunca foste madrasta, mas como se incomodam com o escândalo da tua desordem, e dão sua resposta cheia de sofismas, cegos par o perigo que correm. Apraza-te, portanto, Mãe muito amada, no meio da tua dor, que o teu filho responda a eles, porque transbordo de tanta coisa que quero falar. Meu amor do bem me obriga. 22 para responder por ti vou falar a verdade à que os adversários não poderão resistir. 23

Ó ignorantes, por que tentais colorir esta tua fala com um verniz superficial de verdade dissimulada? Credes que aquele a quem nenhum segredo fica oculto, possa ser enganado por palavras fingidas, até digo, mentirosa? Mentis quando afirmas ter vindo às cidades abandonadas a vida eremitica par que possais ser úteis a vós e ao próximo fazendo o dito acima e que credes nisto. Eis que vos mostro, que nem uma nem outra coisa fazeis na cidade e ambas as cousas se conseguiam antigamente n a solidão. Enquanto louvavelmente vivestes na solidão e m contemplação, orações e obras santas, com grande proveito para vós mesmos, o perfume da vossa santidade difundiu-se pelas cidades e castelos em toda parte e confortou maravilhosamente todos sem exceção, que certamente sentiam este perfume, e ai como que atraindo-os, para fazer penitencia, muitos que ficaram edificados pos este odor. Agora, porém, vivendo no século como os seculares, nem vós nem o próximo

tirais proveito disto, e não tendo proveito, sois um fracasso e assim escandalizais o povo, ao qual quereis agradar, infeccionando-o com o fedor venenoso da vossa vileza.

Não vos mistureis com os pagãos, segundo o Profeta e aprendestes as suas obras e servistes ás imagens deles e tudo isto tornou-se a vossa ruína? **41** Antes tivésseis sofrido isto! Mas agora que vós mesmos o fizestes escandalizais o próximo e, perdida a vergonha, na vossa confusão insistis em não achar pecado no escândalo dele. E aprendestes bem as obras dos pagãos, na quais a consciência nunca terá descanso e por isso Jeremias com dó de trabalho inútil da vossa Ordem, se lamenta dizendo. *“Ela mora entre os pagão e não encontra descanso”*.**46** Procurai vós também, se achais descanso? Entendeis o que digo: Eis que Deus vos entregou ao sentimento depravado**48** e por causa dos vossos pecados vos tirou a inteligência sana. Diz-se que os semelhantes se procuram, mas os seculares quando vê os monges diferentes de si pela santidade de vida, certamente os amam e honram; mas quando os vê iguais a si pelos vícios, ainda que ás vezes os aplaudam na cara, zombam deles atrás das costas. E apontando-os com o dedo os desprezam como merecem.

6 cf. Atos 9,5

22 cf. Jô 32, 18

23 cf. Luc 21, 15

41 cf. SI 105, 35 -36

46 cf. Lam 1,3

48 Rom 1,28

CAPITULO QUARTO

Diz-me, onde estão entre vós os que saibam e queiram pregar a Palavra de Deus do modo devido? Certamente há alguns tão presunçosos, perseguindo a vangloria, que qualquer causa que encontra nos pergaminhos tentem explicar ao povo como muito palavrório, querendo ensinar aos outros o que eles mesmos não sabem nem entendem. E eles mesmos não entendem o que dizem, falam o seu palavrório ao povo com tal audácia no rosto como se plenamente tivessem digerido no estômago de sua memória toda, e consideram como mística tudo que pretendem falar em honra de si mesmos. E depois de ter pregado, ou para dizer melhor depois da sua falação, andam de orelha em pé para ouvir qualquer sussurro de algum louvor lisonjeiro. Querem ser louvados pela graça que não tem, e assim ambicionam a vangloria.

O que move a estes a pregar que não tem ciência nem moral, a não ser o apetite bobo de louvor humano e, por conseguinte a vanglória? Estes destroem pelo exemplo, o que constroem pela palavra. Creio que pelo abuso tornou-se mal habito e ambiciosa presunção de suma arrogância que estes iletrados, cuja conversa merecidamente é desprezada, tenta usurpar o ofício da pregação.

Resta ainda admirar-se como os iletrados dos quais falei acima, desejam e aspiram ser nomeados para ser tolos médicos espirituais das feridas e doenças da alma, ouvindo confissões! Pois não vendo diferença entre uma lepra e outra, como carentes da ciência e do direito, solvem o que não deve ser solvido e, ligam o que de nenhuma maneira deve ser ligado. **23** Pois eu não recomendo nem aprovo seus remédios, quando ele acha que pode com um e o mesmo remédio curar todas as diferentes doenças de todo mundo. Quem não ri quando vós afirmais querer fazer o bem dando consultas ao povo vós que ignorais radicalmente como socorrer a vós mesmos?

Sou de opinião que deveis consultar novos conselheiros, que vós pondeis o dedo sobre a boca, para que fecheis no fundo do coração estes vossos sermões inúteis e insípidos, que não são condimentados com nenhum sabor da razão, para que, para cumulo da vossa vergonha, a presunção arrogante da vossa ingenuidade não mereça a tácita repreensão dos sábios e o desprezo dos que se riem de vós.

Ide pelas províncias, perguntai a todo mundo e na volta dizei quantos se acharam na Ordem dignos e capazes de pregar, ouvir confissões, e aconselhar o povo, como convém aos moradores das cidades. Talvez que sem verdade ou pior respondereis que são muitos. Ao que eu que viajei pelas províncias e conheço as pessoas,

com tristeza respondo: são pouquíssimos, que sabem isto e devem exercer tais ofícios. Não recordais que Abraão, quando movido por compaixão queria reverter à sentença do Senhor, começando com cinqüenta e descendo gradativamente até dez, com humildes preces pediu ao Senhor para que por estes poucos dez justos se, se achassem, poupasse misericordiosamente a multidão dos pecadores?

39-43

Vós, ao contrario, por causa de alguns poucos não titubeais em levar miseravelmente tão grande multidão da Ordem inteira para o lamentável precipício do perigo tremendo, e para inúmeras ocasiões de eterna condenação?

23 cf. Mat. 16, 19 e 18,18

39-43 cf. gen. 18,23-32

CAPITULO QUINTO

Os sedutores errados dos presentes e dos futuros, falsamente propondo como causa aquilo que não é causa nenhuma, criai vergonha agora mesmo e calai-vos, e vede a verdade desta causa que vou expor claramente. A cauda do Dragão, que significa a fraqueza da carne, levando consigo a terceira parte das estrelas, jogando-as por terra como se lê no Apocalipse, **6** não arrancou também a vós dum modo violento do firmamento da alta contemplação, que muito tempo atrás vigorou e floriu na santa solidão do deserto? Não somente vos jogou por terra, i.é nos afetos terrenos, mas vê-se que vos jogando ainda mais fundo no abismo das ocasiões de pecado e duma escandalosa vida errante, vos mergulhando numa queda infeliz na perpétua desordem. Na vossa consciência, ainda que entorpecida e errônea, sabeis e sentis como eu, que é assim mesmo, mas porque os tolos têm vergonha de falar a verdade, já sei simulareis o contrario, não concordando comigo para não contradizer-vos e assim sereis sócios daqueles de que diz o profeta: *“As palavras da sua boca são iniquidade e dolo, não quis atender para agir direito”*.

Diga qual e como é esta Religião nova encontrada nas cidades! E com maior confusão me respondi em que coisa útil vos ocupa lá? Em vosso lugar, pois tendes vergonha da verdade, mais objetivamente eu responderei: Pelas ruas das cidades, da manhã até a noite, vagueais dois a dois discutindo vossos assuntos e tendes como pedagogo aquele que rugindo vai rodando a procura de quem devorar. **23** E assim a profecia: “*os ímpios andam em roda*”, se realiza de verdade em vós para cúmulo da vossa confusão.

A causa desses vossos passeios e das freqüentes voltas pela cidade, segundo a verdade, porá a nu, levantando um pouco o pano, repreendendo-vos para a vossa correção. Há uma razão destas voltas para todo lado principal e determinante: é para visitar não os órfãos, mas moças, não as viúvas em dificuldades, **29** as meninas tolas que querem conversa, beguinhas, monjas e senhoras, onde os rostos olhando-se mutuamente, cada um por sua vez proferem palavras penetrantes, que afaçam os corações, mas que destroem e corrompem os bons costumes. **31**

A vós e os vossos semelhantes se refere e diz o profeta no Salmo: “*Eles vieram no meio das donzelas que tocavam tamborins.*” **34** Esta não é religião pura e imaculada aos olhos de Deus e nosso Pai, na qual todos devem conservar-se imunes das manchas deste mundo. **36**

Ai de mim, Irmãos caríssimos, estando envolvidos no lodo deste mundo, porque credes que não vos sujareis? E olhando outra vez a vossa maneira de pensar, concordo convosco neste ponto: quando uma coisa fica imunda, toda ela, não aparece mancha nenhuma. Mas se quereis olhar mais atentamente a vossa imundície no espelho da consciência, creio que com toda certeza cada um de vós diria com o Profeta: “*Tirai-me do lodo para que não me afunde livrai-me dos que me detestam, salvai-me das águas profundas. Não me deixeis submergir nas ondas, nem me devore o abismo, nem se feche sobre mim a boca do poço.*” **42-45**

Ouvi, pois Eremitas, (nome que vem do Ermo) que escolheste uma moradia no centro da cidade, ouvi, digo, o que não eu, mas o profeta profere: Vi, diz ele , “*violência e discórdia na cidade; dia e noite a iniquidade percorre as muralhas. No seu interior só há injustiça. A maldade e a fraude não deixam suas praças.*” **48-50**

O como é segura e tranqüila a vossa casa, que se vê guardada todas as horas e momentos do dia por tantos sentinelas, bem atentos, do lado de fora e do lado de dentro. Eis a iniquidade vigiando atentamente sobre os muros, para que lá dentro ninguém escape do seu calor. Eis como abraça os habitantes da cidade, tentando manchar a todos com a sua marca. Há ainda outros colegas da iniquidade também no meio da cidade e nas suas praças, cujos

nomes o Profeta em geral exprime e enumere neste salmo, como “contradição, sofrimento, injustiça, usura e fraude”. Ouvistes que o profeta enumerou em geral seis guardas da cidade, e talvez não especificou mais, para não ter que continuar sem fim.

Reparei Irmãos, que ironicamente chamei a vossa casa segura. Pensai que guardas e quantos há entre vós, mas também os cruéis assaltos que vos ameaçam na cidade sempre e em toda parte, vos rodeiam, acompanham e seguem. E não penseis totalmente enganados, que eles vos querem proteger e defender e não se podem tornar vossos inimigos: eles vos guardam como escravos no seu cárcere. Eis como sois sitiados dentro da cidade!

E agora vede como a senhora solidão vos rodeia com seu muro inexpugnável e vos libera e defende com poderosa arma das cidades do inimigo.

Na solidão os guardas celestes estão conosco na batalha; na solidão os nossos concidadãos, os anjos, feitos nossos guardas sobre os muros da nossa cidade fundada, no deserto, dia e noite fielmente vigiando, não param de louvar o nome do senhor, **73** e por isso dizemos cheios de confiança junto com o profeta: *“bendito seja o senhor que usou de maravilhosa bondade abrigando-nos na cidade fortificada.”***75** Eis que no segredo da solidão temos a verdadeira

cidade, i, é a feliz união dos cidadãos! E vós que estais contentes com ela e quereis outra, procurais destruir a união pela divisão.

Ó miserabilíssimos dos miseráveis sabeis que voltastes da liberdade à escravidão, do ócio sagrado à pena perpétua da vida errante, ou para dizer-lo brevemente: do deserto onde comeste o maná da devoção ao Egito, onde obrigados a trabalhar no lodo e tijolos como escravos, tendes que servir ao diabo Faraó.

6 cf. Apoc 12,4

23 1 Pet 5,8

23 SI 11,9

29 cf. Tiag 1,27

31 cf. 1 cor 15,33

34 SI 67,26

36 cf. tiag 1,27

42-45 SI 68,15 – 60

73 cf. Is 62,6

75 SI 30,22

CAPITULO SEXTO

Não nos fez nosso Deus e Salvador o favor de introduzir-nos na solidão, para lá numa intimidade toda especial falar ao nosso coração? Nesta reclusão, não em publico, não na praça, não no tumulto barulhento, ele se dá a conhecer a seus amigos para consolá-los e revela os mistérios dos seus segredos. Não vos engane a ingenuidade assim crendo que o senhor queira conversar com os que procuram meu consolo na vaidade humana, na desordem dos vícios ou na confusão dos pensamentos perversos, que separam os homens de Deus, cuja vontade é que cada um saiba guardar em honrar e santidade o seu vaso livre de todo pecado e de toda ocasião de pecado. **11**

Eis que além do nojo de tamanha estupidez vai a minha admiração: porque não podereis ter a consolação divina junto. Com a mundana, as quais não podem estar juntas nem combinar entre si ! Diz Bernardo: *“A consolação divina é delicada e não se concede aos que admitem outra de fora”*.

Vós que detestais a solidão e desprezais com desdém as suas consolações, quereis ouvir como o senhor por suas obras recomendou a dignidade da solidão?

Por ordem de Deus Abraão sobe na solidão do monte, e lá quis imolar, sem hesitar a sua fé, seu próprio filho Isaac, em virtude da obediência, pela esperança prevendo de longe o seu futuro **22** e assim significou a paixão de Cristo, o verdadeiro Isaac. Também o sobrinho de Abraão, de nome Lot, recebeu a ordem de deixar Sodoma, indo depressa para a solidão do monte para salvar a sua vida **25**.

Também na solidão do monte Sinai a lei foi dada a Moises, que lá foi envolvido de tanta gloria, que eles não agüentavam ver a sua face fulgurante quando desceu do monte. **28**

Eis que Maria e Gabriel conversando na solidão de alguma cela, e o verbo do pai Aticem se encarna verdadeiramente. Eis que Deus feito homem, querendo transfigurar-se, mostrava a sua gloria aos seus confidentes na solidão do Monte. **33** Na solidão do deserto eles fez jejum continuo de quarenta dias e noites, lá quis ser tentado pelo demônio, para desta maneira mostrar-vos o lugar mais apto para rezar, fazer penitencia e vencer as tentações. Portanto para rezar o Salvador sobe á solidão dum monte ou do deserto: mas para pregar e manifestar as suas obras ao povo. Lê-se que ele desceu do monte.

Aquele que plantou **39** nossos pais na solidão do monte, deu-se como exemplo a eles e a seus sucessores, querendo que eles descrevessem como exemplo o que ele fez cheio de mistérios.

A esta Regra do nosso Salvador, sendo santíssima, alguns dos nossos antepassados seguiram na antiguidade; reconhecendo-se bem imperfeitos, moravam por longo tempo na solidão de deserto, mas querendo ser útil ao próximo, para que ele e os mesmos não fossem prejudicados, às vezes, mas raramente, descendo do deserto foram semear generosamente o que na solidão tinham colhido suavemente pela foice da contemplação, espalhando os grãos de trigo na debulha da pregação.

Bem sabemos que os discípulos receberam o Espírito Paraclito, ficando na solidão do Monte Sião e não correndo pelas ruas; sempre instando nas orações e não curiosamente ocupando-se em coisas inúteis. Dizei, portanto, aos falantes passeadores das cidades, qual espírito recebeste até agora na agitação barulhenta da cidade? Parece claro, também na vossa consciência, mesmo pouco escrupulosa, que recebestes o espírito da sabedoria e do intelecto, nem o espírito de conselho e de fortaleza, nem o espírito da ciência e de piedade, nem espírito de temor de Deus, 54-56, mas o espírito da tontura daqueles, que segundo o profeta *“concebeu a dor e deu à luz a iniquidade”*. **58**

É feliz aquele que aprendeu a tomar cuidado dos perigos sofridos pelos outros. Tome cuidado, portanto de não cair miseravelmente no perigo daquilo que o profeta descreve logo em

seguida. Ele diz assim: *“abriu um fosso e o aprofundou, mais caiu no abismo por ele mesmo cavado. Sua malícia racirá na sua própria cabeça e sua violência se voltara sobre a sua fonte”*. **63**

Não quero passar em silêncio que nosso Salvador no Monte das Oliveiras, quando ia subir ao Pai, deixou aos discípulos e seus seguidores um testamento, fora do qual não há salvação. Diz Santo Agostinho: *“não poderá chegar à herança de Cristo, quem não quiser observar o testamento da paz”*. A respeito deste testamento respondi-me; onde está a paz, onde a concórdia? Não tem as discórdias e cismas vos dividido entre vós e dentro de cada um de vós e vos triturado todo o dia e como poeira vos levado e dispersado?

11 1 tes 4,3-4

22 cf. gen 22,1-12 e Rom 4,16-22

25 cf. gen 19,15-30

28 cf. gen 34, 28-35

33 cf. Mt 14,23 ; Jô 6,15

39 i é Cristo

54-56 cf. Is 11, 2-3

56 Is 19,14

58 SI 7, 15

63 SI 7, 16

CAPÍTULO SÉTIMO

Desobedientes ao que prometestes e transgressores da vossa Regra, estudai na balança do exame de consciência, o vosso voto prestado sem simulação cumpri-o **4** para com o vosso criador como convém, segundo a promessa que os vossos lábios pronunciaram. *“Considerai além disso com prudência e cuidado, para que não aconteça que uma só que seja proposição (o que Deus impeça), ou onde vos forem doados, convenientes e cômodos à observância da vossa ordem”.* **9** e lendo estas palavras, não vos preocupais de entende-las?

Estas palavras devem ser anotadas com bom intelecto, não segundo o arbítrio de qualquer vontade, mas expostas com razão segundo a exigência da verdade, para que tenham o efeito devido ao verdadeiro sentido delas sem adulteração alguma. Não se diz simplesmente: *“nos ermos ou onde vos forem doados”*, mas ajunta-se: *“convenientes e cômodos para a observância da vossa ordem”*, para que por esta adição expressa e distintamente se indiquem os lugares que podeis ocupar afim de que a Ordem no progredir do tempo, pelos lugares inadequados e incômodos, não decaídos do seu estado precedente, e pelo desprezo da observância miseravelmente despojada assumisse outro estado de alguma novidade perigosa.

Porém, o que se temeu, aconteceu, **20**, pois os Irmãos do nosso tempo, interpretando onde por em qualquer lugar e omitido o ajuntamento determinante, desprezaram simplesmente a primeira parte (a saber: nos ermos) da proposição disjuntiva e se atém só a segunda parte sem especificação e isto com imenso prejuízo seu imenso. Passando do universal determinado sem mais ao universal indeterminado, constroem sem dúvida um sofisma sendo induzidos a uma evidente falsidade na conclusão. Procede este argumento: podereis ter terrenos onde vos forem doados convenientes e cômodos para a observância da vossa Ordem, portanto em qualquer lugar onde vos forem doados? Eis que se põe a conclusão e concluir-se a premissa. Não assim, ímpios, **29** não é assim que se procede num julgamento, mas para chegar a uma clara determinação, deveis considerar com cuidado, no que parece consistir a observância da nossa Ordem. E isto considerado, o judicioso pesquisador será imediatamente qual lugar é conveniente e cômodo para observância e qual evidentemente não presta para a observância.

Portanto é útil que nós que fizemos profissão de viver segunda a Regra cheia de observância, algumas coisas da mesma breve e resumidamente exponhamos.

Há três artigos gerais da nossa profissão, obediência, castidade e abdição de propriedade, **39** que se acham na profissão

de todas as Religiões. Pó estes nenhuma Ordem difere de outra a não se pelo hábito, mas todas são substancialmente iguais, enquanto elas impõe as mesmas restrições. Se os mesmos artigos são observados da mesma maneira, são todos eles dignos de igual mérito.

Além destes artigos gerais há mais outros, para fortificar a observância dos mesmos, tanto na nossa, quanto em todas as Ordens, artigos estes especiais pelos quais as Ordens diferem entre si, segundo o maior ou menor grau de restrição. E em relação a estas observâncias mais severas qualquer religioso de direito comum licitamente pode entrar, para te uma vida mais alta, tendo pedido licença ainda que esta não lhe tenha sido concedida. **49**

Como são admiráveis as vossas obras e quão profundos os vossos desígnios! **50** Certamente o insensato não compreenderá estas coisas e nem as perceberá o néscio. **52** Quem pode compreender o pensamento do Senhor, cuja sabedoria não tem limites, ou quem foi o seu conselheiro? **54** E o Senhor cuja proveniência não falha nas suas disposições, quando quis plantar uma multidão de Ordem no horto da Igreja militante, prudentemente colocou uns homens com Maria na solidão, outros com Marta na cidade. Colocou também de ciências, estudiosos das Sagradas Escrituras e de boa moral, nas cidades, para que solicitamente ministrassem ao povo o alimento da sua Palavra. Os mais simples

porém, com quem Ele tem seus colóquios secretos **59**, resolveu pôr na solidão conforme a palavra do Profeta: *“eis quem me fui bem longe, e fiquei na solidão. Esperava por ele que me salvou do medo e da tempestade”*. **62** Ele disse EIS... Demonstrando que queria que suas palavras fossem bem notadas, como se quisessem dizer: *“vê o que fiz, que tu faças como Eu. Pois fugindo do mundo barulhento, não fiquei mornado dentro das cidades, nem nos arredores, nem nos hortos ou lugares vizinhos, mas fugi para longe e fiquei na solidão; e fiquei de verdade, porque não voltei para a cidade depois esperando por ele que me salvou do mundo da tempestade”*. O Senhor educou com tanto zelo todos os religiosos, tanto na solidão quanto na cidade, que segundo as condições de cada um, conforme ele sabia útil para cada um, deu a melhor e mais sabia forma de viver a cada um por intermédio dos legisladores.

4 SI 7,16-17

4 cf. SI 65,14

9 regra cap.2

20 cf. Jô 3,2529 SI 1,4

39 regra cap. 1

49 isto segundo o direito de então

50 SI 91,6

52 SI 91,7

54Rom 11,34 **As** 146,5

59 cf.prov 3,32 (vulgata)

62 SI 54, 8-9

CAPÍTULO OITAVO

Examinemos com inteligência e por partes a nossa forma de vida, que professamos **2** e vejamos com cuidado se convém à nossa salvação na solidão ou na cidade.

Será que o Espírito Santo, que sabe o que é melhor para cada um, em vão estabeleceu na nossa Regra, que *“cada um de nós tenha a sua cela separada”*? **8** Não diz Contígua, mas separada uma a outra para que o celeste esposo e a esposa, que é a alma contemplativa, possam na tranqüilidade da cela ter seus colóquios secretos. De fato, isto foi mandado por providencial disposição da divina misericórdia não sem causa razoável, para que nós simples, menos preparados para a batalha, na solidão da cela ficássemos mais ao abrigo da tríplice guerra: da vista, do ouvido e da fala. Ele quis que nós lá, livres destas batalhas, mais facilmente lutássemos, só tendo que resistir aos pensamentos ilícitos. Pois não convém que nossa castidade, colocada na cela sofra alguma suspeita de corrupção, se lá, a pureza de coração sempre ocupada em santas cogitações, **16** se empenha a conservar a alma livre de imundícies.

E porque se sabe que a castidade da alma e do corpo corre perigo na ociosidade, quis o Espírito Santo que nós ocupássemos

sempre no trabalho espiritual, como convém aos servos no trabalho espiritual, como convém aos servos de Cristo. Pois assim ele mandou na Regra: *“Permaneça cada um na sua cela ou perto dela, dia e noite meditando na lei do senhor e vigiando em oração, a não ser que esteja ocupado em outras coisas devidas”*. **22** Eis, como foi dito acima, se quisermos viver de acordo com nossa profissão, devemos ter celas separadas nas quais ou perto das quais ficamos dia e noite meditando na lei do senhor e vigiando em orações a não ser que estejamos ocupados em outras cousas devidas. E pela observância regular necessariamente somos obrigados a observar isto.

Mas vós, habitantes das cidades que fizestes das celas separadas uma casa comum, que de espiritual tratais nela para ocupar-vos santamente quando um vive a vista do outro? A que hora meditais na lei do senhor e vigiais em oração? De noite não vos voltam à memória as vaidades que de dia vagueando e discorrendo vedes e ouvis, dizeis e fazeis, e não ocupais a memória de pensamentos ilícitos e impuros, de modo que o vosso espírito distraído neles não pode meditar em nenhuma outra coisa?

O quão feliz serieis se cada um de vós em verdade pudesse com o Profeta dizer ao Salvador; *“quanto amo, senhor, a vossa lei; durante o dia todo a medito”* **36-37** Ai de mim, irmão, isto não podeis dizer sem mentir! Portanto, lamentai-vos comigo. E lamentando-vos

meditai prudentemente o que o Profeta disse sobre o ócio: *“Meditou cousas iníquas no seu leito, seguiu todo o cenho que não prestava, não odiou a malícia”*.41

Certamente quando dos vossos passeios e divagações voltais em casa, se contam imediatamente todas as notícias, multiplicam-se os colóquios, surgem a disputa, começam os litígios, causam-se escândalos, aparece a inveja, geram-se ódios, trama-se celas e no meio das palavras da disputa chega-se muitas vezes a golpes e pancadarias. Eis como é bom e agradável os irmãos morarem juntos, 47 irmãos dados ao ócio numa só casa. Assim como a casa os corporalmente unidos remove e separa do amor as celas separadas reúnem e juntam no amor de Deus os que elas preservam de contendas pela separação corporal.

Mas alguns dirão talvez: *“ainda que morando na cidade, temos as nossas celas ou pretendemos telas no correr do tempo”*.

A estes respondo: para que este desperdício? Que adiantam celas feitas na cidade que ninguém usa a não ser de noite para lá dormir e descansar com mais segurança? Não vagueiam discorrendo o dia inteiro pelas ruas e praças da cidade, e quando estais em casa, logo sentais juntos para contar novidades e boatos, como se disse acima? Eis o vosso trabalho durante o dia, é todo sentido. Não tendes as celas vazias só para dormir, vós que gastais a toa a terceira parte

da noite (e faça Deus que não seja a metade) em confabulações e liberações supérfluas? As celas foram inventadas não para os desocupados ficar pensando ou negociando, mas para os que rezam muito.

Um que professou a vida claustica na nossa Ordem, sempre quando se acha fora da sua cela, deve fazer exame de consciência se ele está dispensado por uma ocupação justa. E se não achar uma razoável desculpa, é obrigai a voltar a para a cela. Porque se contra a sua consciência que acusa, deixar de voltar, saiba que ele transgrediu a sua profissão religiosa.

E para que a ocupação espiritual na cela protraída talvez além do que seja aconselhável, não deixasse aborrecidos os espíritos menos perfeitos proveu à vontade divina juntar uma ocupação secundária corporal, afim de que uma ocupação sucedendo à outra, o tempo todo passasse para a nossa utilidade e a gloria do Criador. E ajuntou-se: *“Deveis fazer algum trabalho, para que i diabo vos encontre ocupados.”* 72 Eis que na solidão há ocupação de dois tipos, espiritual e manual. E estas se sucedendo sempre de novo, revigora-se a castidade, muralha do castelo, empregam-se bem todos os momentos do dia e assim, por conseguinte se adquire um incrível aumento de merecimentos.

CAPÍTULO NONO

Agora de lado tudo que a regra com muita felicidade diz a respeito da observância e da obediência e do não ter propriedade, quero tratar de passagem dum as poucas coisas que possam levar e reforçar a observância da nossa castidade. Pois se três inimigos cruelmente atacam a nós e a nossa castidade, como se canta numa seqüência: “o mundo, a carne e o demônios batalham contra nós, cada um a sua maneira”. Creio que ninguém de mente sã duvide que a carne mais veemente e violenta na batalha que os outros, pela concupiscência tenta subjugar o espírito.

O como está segura na cela a florzinha da castidade que professamos¹ eis que na cela estamos a salvo da tríplice guerra como disse acima, nós que vamos batalhar somente contra os pensamentos impuros. Pois na cela estamos ocupados espiritualmente, afim que não seja maculada nossa pureza pelo ócio que é inimigo da alma. Eis que aprendemos suavemente do Espírito Santo o que é preciso fazer e o que é para evitar, para não cairmos na tentação enganosa, segundo o dito dos provérbios: *“Pela doutrina enchem-se os celeiros.”*¹⁵. Eis que na cela nos é mostrado o tesouro inestimável e incomparável da suave contemplação, de modo que, desprezando

2 regra Prólogo e cap. 18

8 regra cap. 3

16 cf. regra cap. 14

22 regra cap.7

36-37 SI 118, 97 + 101

41 SI 35,5

47 SI 132,1

72 regra cap.13

radicalmente o terreno e caduco, a nossa alma se consoma inteiramente no desejo fervoroso destes tesouros.

Lê se em Isaias: “*Ezequias mostrou-lhes o tesouro de aromas, ouro e prata, perfumes precioso*” **21** e tudo nos são mostrado espiritualmente na solidão da cela pelo verdadeiro Ezequias, e muito mais, pois introduzidos na cela-adega pelo Rei dos reis recebemos o dom do amor supremo. **24**

Quão bem se chama a cela de adega, pois nela o Espírito Santo sobriamente inebria os verdadeiros amantes da cela com o vinho admirável da devoção e o faz adormecer no leito glorioso duma contemplação suave.

Mas o que falo da cela, quando sou incapaz de recomendá-lo como devo. Certamente não conheço nada de intermediário entre a cela e o céu e por isso dela se chega facilmente a aquele.

E assim ouviste algumas prerrogativas, ainda que pouquíssimas de todas que há, que adquirimos para nossa felicidade, se formos fiéis às celas. Quão grande é a vossa doçura, Senhor, que escondestes naqueles que se escondem por vosso amor. **32** Felizes escondidos da vaidade do mundo, na solidão da nossa cela receberam as delícias do paraíso, que de tal maneira deleitam e saciam o nosso homem interior, que o seu apetite sempre aumenta e ao mesmo tempo fica saturado. Vós porem tendes as vãs riquezas

deste mundo não na cela, mas na tormenta da cidade tumultuada, essas riquezas que geram o enjôo pela saturação e nunca satisfazer o vosso apetite.

O cidadão-eremita, que abusivamente misturais dois vocábulos opostos entre si, mostre-me se puderdes as pequenas prerrogativas vossas, que tendes, ou melhor, pensais ter.

E visto que de tão perturbados vós não podeis responder, eu mesmo responderei cheio de dor, para a vossa vergonha que espero, seja salutar: aborrecereis a cela da solidão, errante e vagabundos, e desprezando para a vossa desgraça todas as vantagens que ela oferece, para ter trocado a felicidade que podereis encontrar na cela, pelos perigos da cidade, fazendo assim um péssimo negocio. Pois no horrível tumulto da cidade não estais expostos aquele tríplice guerra a uma infinidade de outros perigos? Não fostes mesmo mortalmente feridos visto que sois sem defesa e covardes, de tal maneira que dos pés a cabeça **50** sois um a chaga viva?

15 Prov 24,4

21 Is 39,2

24 cf. 2,4

32 cf. Sl 30,20

50 Is 1,6

CAPÍTULO DÉCIMO

Porque então do monte livre de cicios vos Atrevestes descer com perigos da vossa salvação aos Montes Gélboe que significa: escorregadios, onde cairão os forte de Israel, sobre os quais não cai nem o orvalho nem a chuva da graça? **3-4**

Porque descestes do monte, tolos mercadores? E porque não tendes mais coragem de nele subir de novo? Em ambos os casos há mais loucura, mas mais neste do que naquele. Pois digo ser muita loucura cientemente incorrer no perigo, mas muito maior acho permanecer voluntariamente neste perigo até o fim, se facilmente se pode escapar do mesmo.

Como disse acima, **10** Abrão e Isaac subiram no monte e vós, burros, ficais esperando em baixo com o burro. Quereis saberei o que estais esperando? Segundo a palavra do profeta: “meu coração esperou ultraje e miséria **13** sem dúvida ultrajes para o presente e para o futuro se não vos arreponderdes, a miséria terá.

No monte Moisés fala com o Senhor, e lá em baixo, afundados nas águas das tentações com o povo pecador vós adorais o bezerro de ouro. 16 Eis que o profeta pergunta: “*quem subirá no monte do senhor ou quem ficará no seu lugar santo?*” **18** e logo responde à

questão dizendo: “*O de mãos inocentes e de coração puro*”. **19** Se, portanto desejais subir no monte do Senhor ou ficar no seu santo lugar, porque então procurais a inocência de obras nocivas e pureza de coração num lugar imundo? Se procurais a Deus na imundície na cidade eu me pergunto, como credes encontrar outra coisa no seu oposto? (i.e: no oposto de Deus). Eu vos digo que se deve subir a montanha de monte em monte: monte que nos livra dos vícios, todos, que pela sublimidade da sua vida merecidamente são chamados d montes, vão subindo gradativamente de virtude em virtude **25** e sem dúvida chegam ao monte que é cristo.

Ò quanta e qual são estas vossas estupidez, que me deixa estupefato e faz repetir sempre a mesma pergunta. É a vossa carne de cobre, **28** ou a vossa alma de ferro, que não tendes medo nenhum das flechas da luxuria ao visitar as mulheres que tornam os sábios, derrubem os fortes e fazem apóstatas os santos? Credes que sois mais fortes que Davi, que vendo a mulher ficou totalmente fora de si e cometeu o homicídio?

Lembrem-vos, passeadores das cidades, que o salvador entrou de verdade onde estavam os discípulos, de portas fechadas, segundo nos conta o Evangelho: tolos, não penseis que Jesus virá a vós enquanto as portas dos sentidos interiores não forem fechadas. Com estas portas abertas dá se entrada a uma multidão sem fim de

tentações, e por isso o salvador não se digna de entrar porque ele não aceita a companhia destes inimigos.

Não pensais no que diz o Profeta: *“Não permitais que meus olhos veja a vaidade?”* **40** porque então morais num lugar onde tudo o que vedes é vaidade? Podeis olhar pela janela, pela porta ou por um buraco pequenino para fora de vossa casa sem ser a vaidade? Certamente se fostes santos, não quereríeis, morando na cidade, olhar estas coisas que não podeis desejar licitamente. Pois diz o profeta: *“não permitireis que o vosso santo veja a corrupção”*. **45** Ver significa sentir, porque já só pela vista entra a corrupção prejudicial tanto para a alma quanto para o corpo. Certamente alguns dos enteados dirão com Jeremias: *“Os olhos me doem de tanto ter chorado as filhas de minha cidade.”* **48**

Quem poderá fechar com cerca de espinhos os seus ouvidos, para na cidade não ouvir conversas cheias de veneno, falas que excitam os vícios, pelas quais muitíssimo caem ou tombam mortos por dentro? Ou quem saberá moderar a sal língua, que nenhum homem pode domar **52** sabiamente ponderando cada palavra de modo que no meio daquele muitos falantes de repente não fale ele algo de inconveniente? Na verdade a língua loquaz fica tagarelando falando mal, injuriando os outros, semeando discórdia, propondo cousas a toas, bobagens e mentiras e mais uma infinidade e assim se

ofendem a consciência, se mata a alma, se escandalizam os ouvintes e também se ofendem a majestade do criador.

3-4 2Sam 1,19+21

10 Vide cap . linha 20

13 SI 68, 21

16 cf . ex. 33,4

18 SI 23, 3

19 SI 23, 4

25 SI 83,8

28 cf. jô 6,12

40 SI 118, 37

45 SI 15,10

48 Lam 3, 51

52 Tiag 3,8

CAPÍTULO DÉCIMO PRIMEIRO

Eis que até aqui ouvistes o que leva à perdição. Escutai agora o que nos consola maravilhosamente dum modo incrível, tanto no espírito quanto no corpo, a nós que vivemos na solidão.

Na solidão todos os elementos nos ajudam. O firmamento esplendidamente ornado de planetas e estrelas, numa ordem de pasmar, plena sua beleza nos atrai e convida a considerar coisas mais altas. Os pássaros, com a sua natureza de certo modo angelical, cantam suaves melodias para nosso consolo. Também os montes, segundo a profecia e Isaias, destilam sobre nós uma doçura maravilhosa; mas também as colinas, nossas companheiras, derramam leite e mel, **9-11que** os tolos amantes deste mundo nunca provam. Os montes que nos rodeiam a nos que cantamos o louvor do Criador, são os confrades com que vivemos, os quais, como que tocando a sua lira, cantam seus versos e entoam conosco o canto louvando o Senhor numa mesma voz. Os montes germinam, a grama fica mais verde, as copas das árvores a sua maneira nos aplaudem alegremente; também flores mais lindas enchem o ar de perfume suave, como se quisesse sorrir para alegrar-nos na nossa solidão. A

luz silenciosa dos astros parece que nos dá sábios conselhos. As árvores nos beneficiam com sua sombra agradável, e todas as criaturas que vemos e ouvimos na solidão, nos restauram e fortificam como se fossemos colegas; até no seu silêncio pregam dum modo e exortam o nosso homem interior ao louvor do criador admirável.

Sobre este encanto da solidão ou deserto esta em Isaias (no sentido figurado); *“a solidão exultará, e florescerá como um lírio produzirá a vida, e exultará alegre e cheia de louvor. **25** E outra vez nos salmos “umedecem as pastagens no deserto e as colinas revestem-se de alegria.**27***

Na cidade porém os elementos se corrompe e infecta a vós também. A vaidade mundana, de beleza falas, mantém o vosso homem interior preso naquelas baixezas como um cárcere, para que não se eleve às coisas do alto.

Em lugar dos cantos melodiosos dão pássaros ouvis o vozeirão teimoso dos homens e das mulheres, até dos animais, principalmente de cachorros e porcos. O dia todo tendes que ouvir a algazarra tumultuosa. Em lugar do perfume das flores cheirosas, bebeis a taça infecta do fedor horrível da miséria.

Todas as vaidades seduzentes da cidade tentam submergir-vos na imundície dos vícios, e o chamariz ainda que falaz das cousas apresentadas como agradáveis, fica sem efeito.

Ai de mim, Irmãos, porque vos deixais seduzir pela vaidade do mundo?

Não lestes o que está escrito na carta de Tiago: *“todo aquele que quer ser amigo do mundo, constitui-se inimigo de Deus?”* 43 certamente se tivésseis uma fé viva em previsão mais elevada da tribulação do século futuro, jamais as vaidades sedutoras destes séculos vos poderiam enganar. Ouvi portanto e entendi o que São Paulo a este respeito escrevendo as hebreus, com belas palavras proclama de Moisés, exemplo ilustre, recomendando a vivacidade da sua fé negou ser filho da filha do faraó, preferiu sofrer com o povo de Deus do que ter as delicias duma vida de pecado; com olhos fixos na recompensa, estimou riqueza o opróbrio de Cristo do que os tesouros dos egípcias **49- 52**

“Também Jeremias, vendo a iniquidade fraudulenta deste mundo falso, vos exorta e incita cheio de compaixão, para voltar e sair dele”, **56** pelo que ele quer dizer no sentido espiritual: feliz é a retirada do circo da confusão deste mundo perigoso. E para que não deixeis esta fuga para mais tarde, outra vez vos exorta o mesmo profeta, inculcando-vos a verdade e indicando a razão da vossa retirada utilíssima, dizendo: *“fugi do cerco de babilônia e salve cada um a sua alma”*, **61** como dissesse: *“ se quereis salvar a vossa alma, digo que precisais fugir do cerco da babilônia”,* i. é da confusão, que esta no

Egito, mas também os Caldeus, que significa Demônios ou Mamila, indicam o perigo e a desgraça do mundo. Pois os demônios mundanos atraem os que vivem no mundo. Pois os demônios mundanos atraem os que vivem no mundo por espécie de amor como doçura de leite de mamilas dando-lhes de mamar, de maneira que dificilmente ou nunca alguém, nem que for o pregador mais famoso, consiga desmama-la desta amargura falsamente tida como doçura.

Eu fico admirado convosco e mais do que isto, até fico estupefato até não poder mais. Há alguém de vós que não deseja salvar a sua alma? Consta sem duvida nenhuma que cada um de vós quer a salvação da sua alma e muito. Porque então, se realmente quereis salvar-vos, tentais com esforços miseráveis o oposto da salvação, desgraçadamente sufocando o desejo legítimo da felicidade?

9-11 cf. Joel 3, 18 ou 4, 18

25 Is 35, 1-2

27 Sl 64,13

43 Tiago 4,4

49-53 Hebr 11,24-26

56 Jr 50,80

61 Jer 51, 60

CAPITULO DÉCIMO SEGUNDO

Eis o cálice de ouro da babilônia, inebriado o mundo todo, do qual Jeremia fala, quando diz: *”Do seu vinho beberam todos os povos” que de tal a maneira se perturbaram **4** na confusão fátua da vaidade deste mundo, que conseguem arrastar-vos aos vícios, e vê se que bebestes deste vinho tão amargo e infecto depois de pensar bem, a não ser que fosse louco? Deste vinho se diz no Deuteronômio: “o seu vinho é fiel de dragões, veneno mortal de víboras.” **9***

Na verdade, se quisésseis ver este vinho imundo num vaso de vidro, i. é na clareza da consciência, nunca mais bebereis tal imundície. Da imundície deste vinho diz o profeta: *”as fezes deste vinho jamais se acabarão, todos os habitantes da terra as sorverão”**13*** i. É os terrestres e mundanos neste século que do cálice babilônico como ouvistes só bebem as fezes venenosas, também no futuro beberão sem cessar deste cálice cruel, e sorverão dele fogo enxofre por toda a eternidade, a não ser que bebam antes da morte temporal o vinho do arrependimento **16** movido pela graça de Deus, deste cálice diz o profeta: *”fogo e enxofre é terrível este fogo que o enxofre causa e alimenta, sem fim soprado por uma tempestade abrasadora!”* Ó castigo é bebida que o enxofre em fogo líquido distila eternamente

no cálice dos pecadores! Ó quão tremendo é o tormento total deste cálice, do qual uma pequena parte, ultrapassando o cúmulo do horrível, é anunciada pela palavra do profeta aos terrenos e mundanos.

Vejam, portanto todos os que amam o mundo e as coisas deste mundo, **25** como será duro beber no inferno o tal cálice de tormentos que os condenados terão que sorver.

Ó como é diferente, dulcíssimo Jesus, o vosso cálice inebriante que não é tão sublime! **26** ó como são felizes os que fugiram do Egito pelo meio do Mar Vermelho, onde os seus perseguidores se afogaram, e já no deserto da solidão se inebriaram pela primeira vez com a incrível doçura do vosso cálice e por isso não mais quiseram beber do cálice de babilônia. E felicíssimos entre os felizes os que com consciência segura possam dizer: *”o senhor é parte da minha herança e de seu cálice; vós me restituireis a minha herança.” **34***

Considerem os sábios solitários do deserto, que aprenderam de João que o mundo todo jaz sob o maligno, **36** i.é sob *”ignis malus”*, fogo mau, que, além disso, os tempos perigosos da malícia dos nossos últimos dias diariamente são gravados por novos perigos. E vendo tanta perversidade deste tempo perigoso, a qual teve a sua origem no início do mundo e parece que vai aumentar até o fim dos tempos, horrorizados fogem da sua face e rapidamente tratam de ficar

longe dela. E temendo ser seduzidos pela malícia sedutora deste mundo perverso, na solidão do deserto ligam, bem amarrado, o seu homem interior pedra firmíssima que é cristo, **44** para que ele não seja distraído pelo exterior, com a corda tríplice da fé, esperança e caridade que dificilmente se rompe. **45** evitando todos eles virilmente os perigos deste mundo, desejam ligar-se de modo indissolúvel a Cristo, a pedra angular de modo que podem efetivamente dizer com o profeta: *“pra mim a felicidade é estar perto de Deus e pôr minha confiança no senhor.”***46**

4 Jer 51,7

9 Deu 32,33

13 SI 74,9

16 SI 59,5

19 SI 10,7 ou 10,6

25 cf. 1 Jo 2,15

29 cf. SI 22,5

34 SI 15,5

36 1 Jo 15,19 cf.1 Cor 10,4

45 cf. ecl 4,12

48 cf. SI 72,28

CAPÍTULO DÉCIMO TERCEIRO

Ouvindo isto, os que abandonam a solidão respondem aos que os repreendem: *“eu confesso que foi uma perda irreparável para nós termos descidos da doçura do deserto para as cidades. Mas não é ruindades minha ou pecado meu; estou sozinho, não posso reclamar, é melhor ficar quieto, precisa estar de acordo”*. E assim concluindo do singular ao universal, partindo duma suposição falsa, argumentam e concluem contra si mesmos.

Ó como e falsa esta união, como é detestável este consenso, como é reprovável este silencio! E isto leva a todos eles, numa desculpa frívola comum de todos, não obstante o remorso da consciência, a se seduzir uns aos outros, a prejudicar-se e a ofender-se e, para dizer a verdade, tudo isto leva ao fogo eterno do inferno. Porque confessaria a verdade quem tenta crer o contrário dela?

Confirma as minhas palavras Aristóteles quando diz que dois opostos não podem estar ao mesmo tempo no mesmo sujeito. Consta, porém, que a verdade e a mentira podem estar juntas por um revê momento, mas nunca sem repugnância ainda que formas proferidas em momentos semelhantes por eles que tem o coração cheio de duplicidade **18** segundo a palavra do Profeta.

Ó infelizes, como sois culpáveis, como sois repreensíveis, como sois condenáveis! Por que não vos basta, miseráveis, a vossa condenação e tendes que deixar aos vossos sucessores o caminho das ocasiões da condenação? Pois os vossos sucessores pronunciarão os votos outra vez como vós prometeis, e seguindo o exemplo dos antecessores sem medo mudarão para o oposto do que prometeram.

Ai de mim, por que não chegais a enxergar este perigo enorme do vosso estado escandaloso? Ó se vísseis o perigo que correis, diríeis certamente, lamentando-vos com Jeremia: Examinemos o nosso proceder e procuremos e voltemos para o senhor! Pecamos e provocamos a vossa ira, por isso vós sois inexoráveis. Os que perseguiram eram velozes que as águias do céu. Seguiram-nos pelos montes e nos armaram ciladas no deserto. Caiu-nos da cabeça a coroa, desgraçados de nós porque pecamos. *“Por isso amargurou-se o nosso coração e os nossos olhos moldaram-se de lagrima, ”27 – 32* e depois desta lamentação seguiria a oração, na qual rogaríeis humildemente ao Senhor, dizendo: **“Iluminai nosso inimigo não venha a dizer venci-os 35 Fazei –nos reviver os dias de outrora.”** **36**

Voltemos agora á presença dos filhos adotivos e vejamos Esse nestas palavras tomaram talvez consciência do perigo que correm, e

em espírito de humildade pedindo perdão á clemência do salvador do erro passado, tomem cuidado de não recair nele no futuro. Pois no caso deles desprezarem estas exortações á penitencia e fazerem pouco caso de envergonhar a Mãe e condenar a si mesmo e a seus sucessores, eu d’agora em diante os convosco temporariamente á presença do supremo Juiz, de quem o Profeta diz: *“Vos sois terrível e quem poderá resistir-vos diante do terror da vossa cólera .“ 43* para que compareçam a fim de prestar conta do prejuízo que por sua arrogância violentamente causaram a sua Mãe, a si mesmo e a seus sucessores. E que eles na sua ignorância não sejam levados, como antes, a pensar que eu vou falhar nas provas, sendo a causa legítima, e devo perder a questão. Esta opinião falsa e frívola não tem razão de ser, porque iniciado o litígio apresentam-se a testemunhas o céu e a terra contra eles, pois eu os tomei por testemunhas, e outra vez tomo e sempre tomarei.

18 SI 11,3

27- 32 Lam 3, 40; 3, 42; 4,19; 16-17

35 SI 12, 5

36 Lam 5, 21

43 SI 75, 8

CAPÍTULO DÉCIMO QUARTO

E agora Mãe, a lacrimosa lamentação do teu estado aumentada por tudo que escrevi, protraída além dos limites, faz esquecer o choro e as lagrimas e os suspiros da minha própria infelicidade, também tida pequena diante da tua dor. Mas porque até agora servindo aos teus e meus interesses e suando por todos os poros não poupei nenhum esforço (Deus é testemunha), ainda que sem resultado, peço-te, não admires se meu homem interior e exterior cansado até não ter mais força, deseja descansar no leite de lagrima. Recorrerei ao pranto para que o sofrimento console o sofredor. Pois como a dor é medicina para dar a dor, chorarei para mim mesmo, para que sofrendo me regozije, porque ainda que a alma sofra por dentro, cobrirei, se puder, com o vulto nupcial a minha dor secreta.

Ai de mim, sendo múltiplice a causa da minha dor, não sabe por onde começar por ser tão numeroso o meu pranto, e sem observar a ordem das palavras, corando irrompei em gemidos. Quem dirá que não há razão para tanta dor, quando eu vejo durante tanto tempo nada fiz para o progresso comum; até eu acho que falhei quanto ao meu próprio progresso. Ai de mim misero infeliz, que perdi

tanto tempo em ambos os casos! Ai de mim misero, com muito trabalho só teci uma teia de aranha. **18** Ai de mim, porque não percebi isto? Não sei o que dizer, e não sabendo o que fazer, estupefato fico em silencio. Sem duvida, nenhum dos momentos dos que perdi, posso recuperar.

Veja que abuso de desperdício: sou obrigado, dei incerteza a ordem de fazer do fim o inicio: porque quando deveria encerrar com u fim feliz o meu último dia, que de mim miserável, pode vir a qualquer momento, agora ainda tenho que começar no fim da vida o trabalho que podia ter terminado. Porque semeiei na praia do mar a tua e a minha semeiei, onde não se pode esperar fruto nenhum? Diz-me, por favor, o que recolherei desta semente no celeiro? Se finges não saber a resposta, ouve a resposta de Oseías que diz a minha pergunta: “*semeaste vento, e colheras tempestade.*” **28**

Quem esperaria uma messe assim, a não ser um insensato? E eu em vão esperei esta messe, que deveria saber que esta semente e tal fruto não podiam prestar. Há ainda outra coisa, além de ti, Santa Religião, da qual, com razão eu possa lamentar-me nesta causa? Não foi o zelo, talvez imoderado, do teu amor que inebriou a minha alma, de modo que não podia mais distinguir quem era eu, como era eu, ou onde eu estava e o que eu fazia?

Eis que me santo amor por ti me obrigou a navegar mares, andar por grande parte do mundo, depender tempo e consumir meu corpo, e porque procurando o teu proveito, trabalhando em vão pela oposição dos filhos adotivos, não te fui de proveito nenhum, até tenho por perdido todo o tesouro que podia ter acumulado durante tanto tempo na solidão da cela, a não ser o mérito da reta intenção.

Bendito seja o salvador do mundo, que me devolveu a mim mesmo e por sua misericórdia me fez acordar dum grave supor pelo vento duma forte adversidade, e para que eu me conhecesse melhor e as minhas obras, me deram intelecto sóbrio para poder chegar a isto. O que este vento, tanto do Norte quanto do Sul, tivesse soprado vinte anos antes sobre minha horta, **45**, pois o que agora dizem que fede, então talvez tivesse derramado um aroma de perfume.

Mãe, de certa maneira já me queixei, enquanto eu devia ter me queixado de mim mesmo que prejudiquei a ti. Donde esta presunção de eu ousar governar a ti, eu que no governo de mim mesmo sempre fracassei e não progredi nada? Donde veio este abuso audaz de , nem sendo discípulo, querer ser mestre, e eu, nem sabendo examinar a minha consciência, temerariamente não ter medo de julgar os outros? Ai de mim, mãe, porque eu tomei sobre mim por obediência, temerariamente não ter medo de julgar os outros? Ai de mim, Mãe, porque eu tomei sobre mim a obediência cuidar de ti, eu que tinha que

trabalhar no arado, puxado, contrariamente alei, por um boi e um burro **53** que não querem ser atrelados juntos sob o jugo. Ai de mim, o que foi não se pode mais desfazer, e pelo caminho pelo qual vim não posso regredir para corrigir os meus delitos. Mas um remédio útil achei: considerando o exemplo do passado, sempre me verei contra o futuro.

Poupa, portanto, ó Mãe, o filho penitente e benévolo perdoa; pois se o espírito

Acanhado e a fraqueza das forças talvez incorreram em falta contra ti, por favor não consideres isto como má vontade, pois sempre procurei servir-te.

Dado e escrito no ano do Senhor, Mil Duzentos e Setenta, no mês de Fevereiro, no Monte Enatrof, terrível para os inimigos, onde se acha a casa de Deus e a porta do Paraíso. **64**

18 cf . Is 59,5

28 cf. os 8,7

45 cf.cant 4,16

53 cf . Deut 22,10

64 cf. Gen 28,17 e ex 19,18